

## *I am no man!* : Arquétipos femininos na obra de J.R.R. Tolkien

Como a água que corre por entre as pedras e abre caminho com sua força sutil e incontrolável, as imagens do feminino em *O Senhor dos Anéis* e *O Silmarillion* de J.R.R. Tolkien modificam os rumos da história da Terra Média. A defesa sob o comando de Haleth da região entre Ascar e o rio Gelion, a morte do Rei dos Bruxos de Angmar pela Senhora de Rohan e o resgate de Beren por Lúthien da fortaleza do primeiro Senhor do Escuro são marcas na rocha, as evidências da ação dessas imagens na construção do mito. O aporte teórico da análise desses romances consiste nas obras de Joseph Campbell, C. G. Jung, Gilbert Durand e Vladimir Propp. Segundo Joseph Campbell, a função primária da mitologia é fornecer os símbolos para o avanço do espírito humano, oferecendo oposição às fantasias que o fazem regredir. A visão de J.R.R. Tolkien a respeito das funções do mito não fica distante dessa concepção e, vendo a falta do efeito causado pelos símbolos míticos no humano como fonte da desordem social de seu tempo, período das guerras mundiais, inicia sua produção de ficção de fantasia na tentativa de suprir a necessidade do caráter norteador que o mito pode oferecer. As relações entre as imagens na tessitura da obra de J.R.R. Tolkien se dão no plano do regime diurno de Durand, ou seja, trata-se de um universo onde a dicotomia bem e mal é claramente delimitada e a figura no feminino revela-se na imagem da donzela ou da bruxa que deve ser derrotada. Contudo, a Terra Média também, insere-se no regime noturno de Durand oferecendo imagens do feminino poderosas que se encontram no imaginário britânico sem trair a lógica dessa realidade ficcional. Investigar a influência das mulheres na construção mítica de J.R.R. Tolkien estabelecendo as conexões dos símbolos fornecidos por essa mitologia com o imaginário das ilhas britânicas é o propósito desse trabalho.